

AVENTURAS DO SENTIDO Psicanálise e Lingüística

A EDIPUCRS acaba de lançar o livro **AVENTURAS DO SENTIDO**, organizado pelos professores: Leci Borges Barbisan, Margareth Schäffer e Valdir do Nascimento Flores. Os vários e densos capítulos são elaborados por dois ou três autores discutindo a problemática do sentido da expressão da linguagem no enfoque da Psicanálise e da Lingüística.

Vejam-se os títulos dos capítulos:

- ❑ Sobre a necessidade e a natureza das relações entre a Psicanálise e a Lingüística.
- ❑ Freud e a autonomia, apresentado por Michel Arrivé.
- ❑ A denegação na neurose e na psicose.
- ❑ A negação: um problema mal colocado? É a pergunta de Margareth Schäffer.
- ❑ A constituição da subjetividade: a questão do significante é o estudo do grupo de pesquisadores: Margareth Schäffer, Francisco Franke Settineri, Leci B. Barbisan, Marlene Teixeira, Mônica Nóbrega, Valdir do Nascimento Flores e Maira Brauner.
- ❑ Locan e a Lingüística saussuriana: um tiro que errou o alvo, mas acertou na mosca? Por Mônica Nóbrega.
- ❑ Quando falar e tratar o funcionamento da linguagem na interpretação psicanalítica, por Francisco Franke Settineri.

O presente livro é um documento valioso da fraternidade de programas de pós-graduação da França e do Brasil. Alguns dos textos apresentados são produtos de pesquisa desenvolvida por um grupo interinstitucional (UFRGS, PUCRS, UNISINOS, UFPB, APPOA) apoiado pelo CNPQ

En todo caso: atenuação, polidez e evidencialidade*

María Marta García Negroni

Introdução

Como marcador de reformulação não-parafrástica,¹ *en todo caso* apresenta o ponto de vista que ele introduz como sendo uma reconsideração do membro de discurso sobre o qual ele encadeia. Essa reconsideração, ou mudança de perspectiva enunciativa, pode ser caracterizada como um distanciamento com função de atenuação. De fato, em todos os seus usos e através de sua enunciação, o locutor indica que ele estabelece uma distância em relação à primeira formulação *P* e que adota um novo ponto de vista *Q* que representa uma atenuação ou uma nuance em relação a certo aspecto de *P*.

No que segue, tentaremos demonstrar que essa atenuação responde sempre à busca de um melhor consenso dialogal e isso na medida em que, segundo nossa hipótese, *en todo caso* apresenta o segmento do discurso que ele introduz ou como restrição com valor concessivo, ou como argumento mais fraco destinado a evitar possíveis objeções e censuras à enunciação da primeira formulação.

Guiada fundamentalmente por princípios conversacionais associados à polidez e à preservação das imagens dos dois interlocutores, a atenuação à qual esse marcador de reformulação pode dar lugar, tanto na réplica dialogal quanto na intervenção monologal de um mesmo locutor, cobre um domínio relativamente amplo que vai:

* CONICET – Universidade de Buenos Aires.
(Tradução: Leci Borges Barbisan).

¹ Este texto foi publicado no livro: *Les facettes du dire*. Paris: Kimé, 2002, p. 109-128. Os marcadores de reformulação não-parafrástica, abundantemente estudados pela Escola de Genebra, introduzem uma nova formulação ligada a uma mudança de perspectiva enunciativa do locutor. Roulet (1987), Rossari (1994) distinguem assim esse tipo de operações discursivas das reformulações parafrásticas descritas por Gülich e Kotschi (1983, 1987). De fato, normalmente introduzidas por marcadores do tipo *isto é, dito de outro modo, em outras palavras*, as reformulações parafrásticas se relacionam fundamentalmente aos processos de explicação, de equivalência e até mesmo às repetições.

- da atenuação da força com a qual o locutor refutou um certo ponto de vista anterior p^3 explicitamente assumido pelo interlocutor no diálogo (cf. 1) ou atribuído a outras vozes – entre as quais pode-se fazer ouvir a do interlocutor – na intervenção monológica de um mesmo locutor (cf. 2),
1. A: – *Juan es muy inteligente*
B: – *No! En en todo caso, será astuto.*
A: – *João é muito inteligente.*
B: – *Não! En todo caso, é talvez esperto.*
 2. Cuando me pongo una minifalda, no estoy pidiendo que me acosen; en todo caso, estoy pidiendo que me seduzcan, que es otra cosa muy otra. (ABC, Madrid, 29-4-1995, p. 58) (ex. de Portolés, 1998a).
Quando ponho uma minissaia, não estou pedindo que me sigam; *en todo caso*, estou pedindo que me seduzam, o que é bem diferente.
- à atenuação em relação à responsabilidade enunciativa do ato de fala assertivo realizado no primeiro segmento P (cf. 3 e 4),
3. *Los rehenes van a ser inmediatamente liberados.* En todo caso, *eso es lo que asegura el ministro de Asuntos Exteriores.* (ex. de M. Zorraquino e Portolés, 1999).
Os reféns vão ser liberados imediatamente. *En todo caso*, foi o que garantiu o Ministro das Relações Exteriores.
 4. *No llegaron a tiempo o*, en todo caso, *eso es lo que me dijeron.* Eles não chegaram a tempo ou, *en todo caso*, foi o que me disseram.
- passando pela atenuação da força argumentativa de um ponto de vista evocado na primeira formulação P. Esse ponto de vista pode ser pessoal (cf. 5) ou o de outro, mas aceito – pelo menos em um primeiro momento – pelo locutor no diálogo (cf. 6),
5. No sabemos si estos enunciados imitan las palabras o el estilo de las mujeres citadas. No se nota, en todo caso, ningún rasgo identificador. Si hay, en cambio, dentro de las citas, expresiones que pertenecen claramente... (Reyes, G., 1994, p. 19).
Não sabemos se esses enunciados imitam as palavras ou o estilo das mulheres citadas. Não se observa, *en todo caso*, nenhum traço reconhecível. Há, em compensação, nas citações, expressões que pertencem claramente ...

³ Chamamos p^3 o ponto de vista positivo anterior que aparece refutado na primeira reformulação P (i. é., P = negação metalingüística de p^3) sobre a qual encadeia *en todo caso* Q.

6. A: – *Juan es muy inteligente.*
B: – *Si. En todo caso, nunca mostró problemas serios de comprensión.*
A: – *João é muito inteligente.*
B: – *Sim. En todo caso, ele nunca mostrou ter sérios problemas de compreensão.*

Observar-se-á, no entanto, que, no primeiro caso (atenuação da força com a qual o locutor refutou um ponto de vista anterior), o marcador *en todo caso* admite uma paráfrase por meio das locuções *a lo sumo/como mucho* [no máximo, na melhor das hipóteses], nos dois outros casos (atenuação da responsabilidade ilocucionária ou atenuação da força argumentativa de um ponto de vista anteriormente evocado), é a leitura *al menos/por lo menos* [pelo menos] que se impõe como paráfrase para o marcador. Comparando-se a esse respeito (1) e (2) com (3), (4), (5) e (6), observa-se que, nos dois primeiros casos, a reformulação introduzida por *en todo caso* é compreendida como uma concessão ao interlocutor (i.e. o novo ponto de vista q é o máximo que o locutor está disposto a conceder a seu interlocutor na situação dada):

- 1'. A – *João é muito inteligente.*
B – *Não! a lo sumo [no máximo], ele é esperto.*
- 2'. Quando eu ponho uma minissaia, eu não peço que me sigam; *a lo sumo [no máximo]* eu peço que me seduzam, o que é completamente diferente.

Enquanto em outros casos (i. é., 3, 4, 5 e 6), o novo ponto de vista introduzido por *en todo caso* é entendido como o mínimo que o interlocutor, segundo o locutor, deveria aceitar para garantir o bom funcionamento e a continuidade da interação comunicativa.

- 3'. Os reféns vão ser imediatamente liberados. *Al menos [pelo menos] foi o que garantiu o Ministro das Relações Exteriores.*
- 4'. *Eles não chegaram a tempo. Al menos [pelo menos], foi o que garantiu o Ministro das Relações Exteriores.*
- 5'. *No sabemos se esses enunciados imitam as palabras ou o estilo das mujeres citadas. Não se observa, al menos [pelo menos], nenhum sinal reconhecível. Há, em compensação, nessas citações, expressões que pertencem claramente...*
- 6'. A – *João é muito inteligente.*
B – *Sim. Por lo menos [pelo menos], ele nunca demonstrou ter sérios problemas de compreensão.*

En todo caso e a interpretação de a lo sumo [no máximo]/al menos [pelo menos]

A dupla leitura à qual a enunciação de *en todo caso* pode dar lugar já foi assinalada por outros autores interessados no funcionamento discursivo desse marcador de reformulação e pelas interpretações que sua enunciação desencadeia. Assim, por exemplo, L. Ruiz e S. Pons (1995),⁵ depois de ter assinalado que o segmento Q introduzido por *en todo caso* constitui uma nuance ou uma restrição ao alcance do primeiro membro, e após ter indicado (de modo muito pertinente em nossa opinião) que *en todo caso* "aparece nos contextos nos quais o procedimento discursivo admite a existência de várias possibilidades, o enunciado introduzido por *en todo caso* sendo uma tomada de posição em relação a estas",⁶ eles sustentam que essa posição consiste em estabelecer um limite superior ou inferior sobre as capacidades argumentativas do enunciado que ele encadeia. Mas, de que depende o estabelecimento desse limites? E de um modo mais geral, que objetivos persegue o locutor quando ele os estabelece? Qual é sua motivação para fazer isso? Ruiz e Pons não levantam nenhuma hipótese sobre esse assunto.

J. Portolés, quanto a ele, sustenta em três trabalhos recentes (Portolés, 1998a e 1998b; Martín Zorraquino e Portolés, 1999) que *en todo caso* "estabelece um elo entre dois membros do discurso de tal modo que o segundo anula a pertinência do primeiro, mas substituindo-o",⁷ e ele acrescenta "*en todo caso* inclui além disso outras instruções na sua significação (...): o primeiro membro bem como o segundo formam parte de uma mesma escala argu-

mentativa, de modo tal que o segundo membro se encontra em uma posição inferior à do primeiro".⁸ Ele explica assim a leitura *a lo sumo/ como mucho* [no máximo], que se desencadeia nos diálogos retificativos do tipo (1) e (7)

7. – *Tiene algo de bandido?*

– *No, nada. En todo caso, el espíritu de clan de los hombres del sur.* (ex. de M. Zorraquino e Portolés, 1999).

– *Ele tem alguma coisa de um bandido?*

– *Não, nada. En todo caso, o espírito de clã dos homens do sul.*

nos quais o argumento introduzido por *en todo caso* "que se apresenta como o mais alto que se pode atingir na escala",⁷ é entendido como uma concessão ao interlocutor. Quanto à interpretação de *al menos/por lo menos* [pelo menos], o autor sustenta que ela aparece quando o que é retificado não é mantido pelo interlocutor mas pelo próprio locutor,⁸ como acontece em:

8. *El potencial de crecimiento en el campo de la alimentación, si no es ilimitado es en todo caso muy amplio.* (ex. de M. Zorraquino e Portolés, 1999).

O potencial de crescimento no setor da alimentação, embora não seja ilimitado, é *en todo caso* muito amplo.

Finalmente, para explicar a ocorrência de *en todo caso* nos enunciados do tipo (3), que repetimos,

3. Os reféns vão ser imediatamente liberados. *En todo caso*, foi o que garantiu o Ministro das Relações Exteriores.

nos quais o marcador é utilizado para modalizar uma afirmação anterior tirando-lhe a certeza, Martín Zorraquino e Portolés apelam uma vez mais para a noção de pertença a uma mesma escala argumentativa dos dois membros articulados. Desse modo, se nesse tipo de enunciados o resultado é o enfraquecimento da primeira afirmação, isso é devido, segundo M. Zorraquino e Portolés, ao fato de que

⁵ Outros autores, em compensação, se concentraram em algumas dessas leituras. Assim, por exemplo, M. Moliner (1966) caracteriza esse marcador como uma "expressão transitiva com a qual se admite um enfraquecimento parcial de uma negação expressa anteriormente: "Creio que não tenho nada que se relacione com isso; *en todo caso* um velho livro". Enfatizemos aqui que, em seu *Diccionario de uso del español*, as expressões transitivas são caracterizadas como expressões conjuntivas ou adverbiais com as quais se introduz o enunciado de alguma coisa que representa uma concessão de parte de quem fala ou uma transação em relação a uma certa posição expressa anteriormente ou já sabida. Segundo M. Moliner, C. Fuentes Rodríguez (1986, 1995) classifica também *en todo caso* entre os transitivos, mas com um valor modal acrescentado, na medida em que sua enunciação exige que o enunciado que ele introduz "se coloque como uma hipótese, a única admissível após a recusa do primeiro: *Non estou com fome. Comi demais. Não vou, portanto, comer nada. En todo caso, uma fruta. Como se pode observar, essas descrições dão conta dos casos que caracterizamos aqui como de atenuação de uma refutação ou recusa de um ponto de vista anterior. Em compensação, elas não dizem nada daqueles em que o marcador pode ser parafraseado por intermédio das locuções *por lo menos/al menos* [pelo menos].*

⁶ Ruiz, L. e Pons, S. (1995, p. 66).

⁷ Martín Zorraquino, M. A. e Portolés, J. (1999, p. 4130).

⁸ *Ibid.*

⁹ *Ibid.* Para esses autores, de fato, os dois membros articulados por *en todo caso* se encontram sempre na mesma escala argumentativa. Para uma crítica dessa posição, ver mais adiante.

¹⁰ Notar-se-á, entretanto, que essa caracterização não permite explicar certos exemplos dados pelo próprio Portolés (1998) e nos quais, embora "o que é retificado [não seja] mantido pelo interlocutor, mas pelo locutor", a leitura do marcador é *como mucho/a lo sumo* [no máximo, na melhor das hipóteses]: "Não é uma questão fônica, mas *en todo caso* de harmonia mental"; "Se eu coloco uma míni-saia, eu não peço que me sigam; *en todo caso*, eu peço que me seduzam, o que é completamente diferente".

o membro em que se encontra o marcador ocupa sobre a escala uma posição inferior à do membro implícito que, em (3) poderia ser explicitado por meio da expressão *es seguro que* [é certo que].

Várias marcas nos parecem pertinentes aqui. Inicialmente e em relação à descrição geral que propõem Portolés (1998) e Martín Zorraquino e Portolés (1999), pode-se verdadeiramente afirmar que o segmento de discurso *en todo caso Q* "anula a pertinência do primeiro membro P"? É verdade que em (1) e (2), os pontos de vista *p'*: *ele é inteligente, eu peço que me sigam* (e as escalas às quais eles pertencem) aparecem fortemente recusadas na primeira formulação *P*, mas isso é por causa de *en todo caso ele é esperto* e de *en todo caso eu peço que me seduzam*. Ou é a presença da negação metalingüística em *P* que desencadeia essa desqualificação? Para nós, e assim como tentaremos demonstrá-lo no que segue, se, nesse tipo de enunciados, o locutor toma distância de *P* (=negação metalingüística de *p'*) e adota *Q*, não é por isso que o segmento *en todo caso Q* invalida a pertinência nesse primeiro membro de discurso.

A hipótese de invalidação da pertinência do primeiro membro de discurso é ainda mais difícil de defender nos enunciados do tipo (3), (4), (5) e (6): de fato, em (3), o fato de que o Ministro das Relações Exteriores garante que os reféns vão ser imediatamente liberados não anula a pertinência da enunciação da primeira afirmação (no máximo ele apresenta o locutor como voltando atrás no momento em que ele anuncia o segundo segmento de discurso: ou ele não assume mais plenamente a asserção feita no primeiro, ou ele indica retrospectivamente que essa asserção não deveria ser entendida como plenamente assumida por ele); de modo análogo, em (5), a ausência de traço identificador não retira a dúvida quanto a saber se os enunciados imitam ou não as palavras ou o estilo das mulheres citadas (o que *en todo caso Q* marca é simplesmente uma certa prudência epistemológica da parte do locutor em relação ao primeiro segmento); enfim, em (6), o fato de que João não tenha tido sérios problemas de compreensão não invalida absolutamente a pertinência da primeira formulação *P* que o locutor *B* retoma como sua em sua intervenção (ele só atenua suas possibilidades argumentativas).

Nossa segunda objeção diz respeito à hipótese sustentada por Portolés da pertença a uma mesma escala argumentativa dos dois segmentos articulados por *en todo caso*. De fato, para nós, esse marcador não liga necessariamente dois membros de discurso que pertencem a uma mesma escala argumentativa, e é precisamente isso que explica a possibilidade das duas interpretações às quais sua enunciação pode dar lugar. Assim, por exemplo, nos enuncia-

dos do tipos (5), (6), (8) e (9), em que a ocorrência do marcador desencadeia a leitura *al menos* [pelo menos] (exemplificamos abaixo com a replica dialogal (6) e a intervenção monológica (9)):

6. A – *Juan es muy inteligente.*
B – *Sí. En todo caso, nunca mostró problemas serios de comprensión.*
A – *João é muito inteligente.*
B – *Sim, En todo caso, ele nunca mostrou sérios problemas de compreensão.*
9. *Es neumólogo, o en todo caso, clínico. Te va a poder contestar esas preguntas.*
É pneumologista ou, *em todo caso*, clínico geral. Ele vai poder responder a tuas perguntas.

é certo que o ponto de vista evocado em *P*: *ele é muito inteligente/ele é pneumologista*, e aquele evocado em *Q*: *ele nunca mostrou sérios problemas de compreensão / ele é clínico geral*, pertencem às mesmas escalas argumentativas, e levam – com, certamente, forças argumentativas diferentes – para um mesmo tipo de conclusão *r* (*ele será aprovado em seus estudos, ele vai poder responder às tuas perguntas*). Em outras palavras, eles pertencem ao mesmo bloco semântico. Mas é diferente em (1) e (2) em que o segmento *en todo caso Q*, interpretado como *a lo sumo / como mucho Q* [no máximo, na melhor das hipóteses *Q*], encadeia sobre uma negação metalingüística e refutativa do âmbito do discurso anterior, *p'*. De fato, e como tentaremos demonstrar no que segue, a presença desse tipo específico de negação que desqualifica o espaço discursivo *p'* em benefício de outro,⁵ determina necessariamente uma mudança de bloco semântico. Desse modo, pois, em (1) e (2), e até mesmo se, introduzindo sua reformulação atenuadora de *P por meio de en todo caso*, o locutor atenua uma possível leitura forte dessa negação refutativa, a ocorrência de *en todo caso Q* torna mesmo assim explícita a mudança de bloco semântico para qualificar a situação ou a pessoa de que ele fala: de acordo com *B*, o que pode caracterizar João (cf. 1) não é a inteligência, mas no máximo o fato de ser esperto; e o que a locutora de (2) diz pedir não é que a sigam, mas no máximo que a seduzam: o que "é de fato diferente", como ela própria diz

⁵ Para uma análise da negação metalingüística em termos de desqualificação dos quadros ou espaços discursivos anteriores, ver García Negroni, M.M. (1998). Para a noção de *espacio discursivo*, ver Anscombe, J.-C. (1990).

En todo caso Q e a reformulação atenuadora de P.

Para tentar responder às diferentes perguntas e objeções suscitadas pela leitura das análises brevemente lembradas acima, e como anunciamos na introdução, caracterizaremos o reformulativo *en todo caso* como um marcador de distanciamento com função de atenuação. Contrariamente a Martín Zorraquino e Portolés, não consideramos, pois, que *en todo caso* Q invalide a pertinência do membro de discurso P ao qual ele encadeia. Ao contrário, e como mostram as paráfrases respectivas (cf. 1" – 6". 9"), o locutor de P, *en todo caso* Q indica que ele levou em consideração não apenas o ponto de vista evocado em sua primeira formulação (i.é., sua orientação, sua força argumentativa ou sua força ilocucionária), mas também todos aqueles que se referem a ele, inclusive aqueles relativos à sua negação¹⁰. Assinalemos, nesse sentido, a presença explícita na paráfrase da alternativa *não-p* e o emprego freqüente de *en todo caso* em contextos nos quais uma dúvida ou uma incerteza são expressos em P *eu não sei se p*, *en todo caso q*; *se não p*, *en todo caso q*" (cf., por ex., 5 e 9):

Leitura de *a lo sumo* [no máximo]

- Réplica dialogal
1". A: – *Juan es muy inteligente.*
B: – *No! No es inteligente, y si es algo relacionado con la inteligencia, en todo caso será astuto.*
A: – *João é muito inteligente.*
B: – *Não! Ele não é inteligente. E se ele tem uma propriedade próxima à inteligência, en caso todo, é talvez a astúcia.*
- Intervenção monologal
2". *Cuando me pongo una minifalda, no estoy pidiendo que me aconsejen; y si pido algo relacionado con ello, en todo caso será que me seduzcan, que es otra cosa muy otra.*

¹⁰ Estamos assim de acordo com Ruiz e Pons quando eles afirmam que *en todo caso* "aparece em contextos nos quais a marcha discursiva admite a existência de várias possibilidades" (1995, p. 66).

¹¹ Ver, nesse sentido, a análise do marcador francês *en todo caso* proposta por C. Rossari. De fato, de acordo com esse autor, um dos empregos mais freqüentes desse marcador é aquele que remete a um ponto de vista que evoca uma incerteza. Desse modo, afirma Rossari, "o uso de *en todo caso* permite ao locutor vir a confirmar essa incerteza, introduzindo um ponto de vista que pode parecer resolvê-la" (Rossari, 1994, p. 86).

Quando eu ponho uma minissaia, eu não peço que me sigam; e se peço alguma coisa com relação a isso, *en todo caso* é que me seduzam, o que é completamente diferente.

Neg. metaling. p'. E se p'(alguma coisa com relação a p'), *en todo caso q*

Leitura *al menos* [pelo menos]

- Réplica dialogal
6". B: – *Yo también creo que es muy inteligente. Y si no lo es, en todo caso (lo que sé es que) nunca mostró problemas serios de comprensión.*
B: – *Sim, eu também creio que ele é muito inteligente. E se ele não o é, en todo caso (o que eu sei é que) ele nunca mostrou ter sérios problemas de compreensão*

Creio que p. Se não p, *en todo caso q*

- Intervenção monologal
3". *Los rehenes van a ser inmediatamente liberados. Si no lo son, en todo caso, eso es lo que asegura el ministro de Asuntos Exteriores.*
Os reféns vão ser liberados imediatamente. Se não o são, *en todo caso*, é o que afirma o Ministro das Relações Exteriores.

[Asserção] p. Se não p, *en todo caso q*

- 5". *No sabemos si estos enunciados imitan las palabras o el estilo de las mujeres citadas. Si lo son, en todo caso, no se nota ningún rasgo identificador. Sí hay, en cambio, dentro de las citas, expresiones que pertenecen claramente...* (Reyes, G. 1994, p. 19)
Não sabemos se esses enunciados imitam as palavras ou o estilo das mulheres citadas. Se é o caso, *en todo caso*, não se observa nenhum traço identificador. Há, em compensação, nessas citações expressões que pertencem claramente... (Reyes, G. 1994, p. 19)

Não sei se p. Se p, *en todo caso q*

- 9". *Es neumonólogo. Si no lo es, en todo caso, seguro que es clínico. Te va a poder contestar esas preguntas.*
Ele é pneumologista. Se não o é, *en todo caso*, é certamente clínico geral. Ele vai poder responder às tuas perguntas,
P. Se não p, *en todo caso q*

Suscetível de ser classificado (como se pode constatar a partir das paráfrases condicionais propostas acima) entre as proformas que E. Montolio (1999) denomina "procondicionais", dito de outro modo, elementos que têm a particularidade de poder funcionar como uma prótase condicional elíptica, o reformulativo *en todo caso* apresenta o segmento de discurso que ele introduz tanto como restrição atenuadora com valor concessivo, quanto como argumento mais fraco destinado a evitar possíveis objeções e censuras à enunciação da primeira formulação. Assim, o segmento Q representa sempre uma atenuação em relação a esse primeiro membro e sua introdução, guiada fundamentalmente pelos princípios conversacionais ligados à polidez e à preservação das imagens dos interlocutores, responde sempre à busca de melhor consenso dialógico.

Consideremos inicialmente os exemplos do tipo (1), (2) e (7) nos quais o segmento *en todo caso* Q encadeia sobre uma negação metalingüística refutativa de *p'* (o contexto do discurso anterior), e nos quais a leitura desencadeada pela enunciação do marcador é *como mucho/a lo sumo* [no máximo, no melhor das hipóteses].

Como se sabe, negar o contexto de discurso do interlocutor (ou que este o tenha assumido explicitamente em uma intervenção anterior – cf. 1 e 7 –, ou que no discurso do locutor que refuta, esse contexto seja atribuído a outras vozes dentre as quais se pode descobrir a do interlocutor – cf. 2-) é sem dúvida alguma uma marca forte de desacordo que ameaça a imagem pública deste último¹². Nesse sentido, a refutação constitui evidentemente uma violação às exigências de cooperação e de polidez próprias a toda interação comunicativa e deveria, portanto, ser evitada. Mas a interação apresenta ao mesmo tempo outras exigências, aparentemente contraditórias com essas, relativas à manutenção por parte do locutor de sua própria identidade e de seus próprios pontos de vista. O conflito entre esses dois tipos de exigências (ser cooperativo e polido sem com isso renunciar à sua própria posição enunciativa) só pode ser superado através das estratégias e dos processos de negociação que têm por objetivo mitigar a afronta produzida pelo ato de ameaça, e preservar assim as imagens respectivas de um e de outro interlocutor. Uma dessas estratégias, talvez a mais eficiente e a mais freqüente, é a que se manifesta na estrutura concessiva: de fato, nessa, o locutor só introduz sua própria perspectiva após ter

apresentado o ponto de vista do outro (i.e., de ter feito ouvir em seu discurso um enunciador que argumenta num sentido oposto ao seu). Desse modo, o locutor minimiza o desacordo e, além disso, se constrói a imagem de alguém de espírito aberto, capaz de levar em consideração e até mesmo de aceitar as opiniões e os critérios dos outros.¹³

Entretanto, se na concessão as exigências das imagens respectivas levam a conceder inicialmente ao interlocutor alguma coisa que mais tarde lhe será total ou parcialmente recusada para defender o ponto de vista pessoal¹⁴, em compensação na estrutura que nos ocupa aqui (*P=neg. metaling. P'*, *en todo caso* Q), a situação parece ser inversa, já que o que aparece primeiro é o desacordo com o interlocutor. Para evitar um possível conflito conversacional, considerando em T+1 (i.e., depois da enunciação de P) que a refutação do ponto de vista *p'* (i.e., *ele é inteligente, eu peço que me sigam, ele tem alguma coisa de bandido*) pode ou pôde conduzir a uma leitura da negação como "contrário de *p'*"¹⁵ (i.e. alguma coisa do tipo *ele é burro* em 1), *eu quero que os outros me mostrem indiferença* em (2), *ele é muito honesto* em (7), o locutor reformula esse primeiro membro discursivo atenuando, através da enunciação de *en todo caso* Q, essa possível leitura refutativa forte. Pertencendo a uma escala argumentativa diferente da de *p'* – e não à escala antonímica –, o ponto de vista evocado em Q é apresentado assim como a concessão máxima que o locutor se dispõe a fazer a seu interlocutor. De fato, o ponto de vista *q* pelo qual o locutor não se

¹² Ver Ducrot, O. (1984, p. 230-231).

¹³ De acordo com a caracterização de O. Ducrot (1984), nos enunciados da forma *Certamente x, mas y*, o locutor coloca um ato derivado de concessão (i.e. ele apresenta um enunciador que argumenta em sentido oposto ao seu e do qual ele toma distância ao mesmo tempo que lhe dá uma certa forma de acordo) seguido por um ato primitivo de afirmação argumentativa (i.e., o locutor se identifica com esse segundo ponto de vista e com as argumentações que este evoca).

¹⁴ Desqualificando sempre um espaço ou contexto de discurso anterior, real ou virtual (mas apresentado como tal), a negação metalingüística permite instaurar um novo espaço discursivo. Esse pode ser o espaço antonímico, o espaço "extremo" ou simplesmente um espaço diferente (cf. García Negroni, 1998). No primeiro caso, o efeito produzido será contrastivo (leitura "contrário de") no sentido de que o espaço que será declarado apropriado à apreensão argumentativa da situação é o que é definido pela escala antonímica (ex.: *Não, ela não é bonita, ela é feia*). No segundo caso, o efeito será ascendente (leitura "mais do que"), na medida em que a negação declara se situar num escala extrema ou extraordinária, e, portanto, diferente da escala ordinária ou banal que foi desqualificada (ex.: *Não, ela não é bonita, ela é encantadora!*). Finalmente, no terceiro caso, a negação se torna um meio de desqualificar um certo tipo de argumento *p* em favor de um outro *q*, não contrário, mas simplesmente diferente (leitura "diferente de") (ex.: *Não, ela não é bonita, ela é interessante*).

¹⁵ Para os conceitos de imagem pública e de atos ameaçadores para as imagens dos interlocutores, retomamos os trabalhos de Goffman, E. (1973; 1974) e os estudos sobre polidez verbal de Leech, G. (1983), Brown, P. e S. Levinson (1987), Haverkate, H. (1994), Kerbrat-Orecchioni, C. (1995).

torna completamente responsável,¹⁶ é atribuído, como o faria um evidencial citativo¹⁷ (Reyes, 1994), a outras vozes, dentre as quais houve-se ou pode-se ouvir a do interlocutor. Nesse sentido, deve-se observar, no segmento Q, a muito alta frequência em espanhol das formas verbais do futuro que, em virtude de seu caráter modal, permitem indicar essa atribuição.¹⁸

Estratégia de atenuação da força refutativa da negação metalingüística presente em P

P (Não, neg. metaling. P'l)
Leitura: contrário de p'

1. formulação P: refutação – desacordo

Reformulação: atenuação da refutação – busca de consenso

em todo caso Q

leitura: *en todo caso, concedo-lhe q* (ponto de vista evocado em Q) lá onde q – ponto de vista atribuído a outras vozes, dentre as quais a do interlocutor – pertence a uma escala argumentativa diferente da de p'

¹⁶ Pode-se observar, sobre isso, que se o locutor introduz diretamente Q como enunciado corretivo da negação metalingüística presente em P (por ex.: *Não, ele não é inteligente. Ele é esperto*), esse enunciado corretivo seria plenamente assumido pelo locutor que refuta e não permitiria atenuar a afronta produzida pela negação desqualificante do contexto discursivo do interlocutor.

¹⁷ Como afirma G. Reyes (1994, p. 25), "chama-se evidencial (por empréstimo ao inglês *evidential*) um tipo de significado transmitido, em contextos determinados, por certas formas do verbo e por algumas construções adverbiais. Esse significado se produz quando o locutor exprime um escrúpulo qualquer sobre o conhecimento do que ele afirma, especialmente quando ele quer indicar que é alguma coisa que ele inferiu ou que lhe foi dito". Os evidenciais assinalam assim que o conhecimento do que lhe é dito provém, não da experiência direta, mas de uma experiência indireta: de uma percepção (evidência sensorial), de uma inferência ou dedução a partir de outros conhecimentos, de uma fonte autorizada ou conhecida ("2nd hand information"), de um simples rumor ("3rd hand information"). Reyes chama evidenciais citativos os marcadores que pertencem a essas duas últimas categorias: trata-se, pois, das formas que assinalam que o que é dito é tomado de empréstimo a uma fonte verbal.

¹⁸ Ver, a esse respeito, o *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española* da Real Academia Española. Alí é afirmado que o futuro pode ter valor concessivo (ex.: *Será buena, pero inútil* [Ela é talvez boa, mas é inútil], e servir para retorquir de modo amável a um interlocutor". Além do futuro, o condicional de ouvir dizer e o imperfeito podem também funcionar em espanhol como evidenciais citativos e indicar a atribuição polifônica a outras vozes ou discursos (cf. *Juana no saldrá este fin de semana porque quería una amiga a visitarla* [Joana não sairá este final de semana porque uma amiga vinha visitá-la], *Habría movimientos de tropas en la frontera* [Haveria movimentos de tropas na fronteira]).

Situações semelhantes são verificáveis nos diálogos do tipo (10) e (11):

10. A – (criança, ao telefone): – No, mi papa no está. Se fue al laburo.

B – (mãe): – No, querido! No se fue al "laburo". *En todo caso, se habrá ido al "trabajo"*.

A: – Não, papai não está. Ele foi dar duro.

B: – Não, querido! Ele não foi "dar duro". *En todo caso* talvez ele tenha ido "trabalhar".

11. A: – *Querés que te sirva algo?*

B: – *No, gracias, no quiero nada. En todo caso, más tarde.*

A: – Tu quieres que eu te sirva alguma coisa?

B: – Não, obrigado, não quero nada. *En todo caso*, mais tarde.

De fato, em (10), o locutor B desqualifica e recusa o quadro considerado "incorreto" de A" através da negação metalingüística, e atenua a refutação por meio de *en todo caso*. Fazendo isso, ele assinala, de um lado, que ele não nega tudo o que foi dito por A mas que ele desqualifica somente o uso do termo "dar duro" porque é inadequado, porque pertence a um registro que não corresponde à situação de discurso (cf. emprego da negação metalingüística). E por outro lado, ele marca que ele não se assimila ao ponto de vista q (cf. ocorrência de *en todo caso*): de fato, como se constata na paráfrase (10'), B deixa aberta a possibilidade de que o pai tenha ido ou não trabalhar.

10'. *No, no se fue al "laburo". Y sí se fue a algún lado relacionado con ese término, habrá sido al "trabajo"*.

Não, ele não foi "dar duro". E se ele foi fazer alguma coisa com relação ao que tu chamas "dar duro", é melhor que tu digas "trabalhar".

Falando de outro modo, ao dizer:

B: – *No, querido! No se fue al "laburo". En todo caso, se habrá ido al trabajo*.

B: – Não, querido! Ele não foi "dar duro". *En todo caso* ele foi talvez "trabalhar".

¹⁹ Como se sabe, a negação metalingüística, dentre outros usos específicos, permite questionar o emprego de um termo ou de um conjunto de palavras em virtude de uma regra sintática, morfológica ou social, posta em evidência no enunciado posterior que introduz a retificação.

B indica que ele não aceita o termo "dar duro", que ele não pode (ou não quer) garantir *q* ("ele foi trabalhar"), mas ele está pronto mesmo assim a concordar com esse ponto de vista de A, com a condição de que este use o termo correto (cf. o verbo *ir* no futuro composto *terá ido*, que marca mais uma vez essa atribuição).

O caso (11) é relativamente diferente porque não se pode dizer que, na sua primeira formulação, B refuta ou desqualifica a opinião ou o discurso de A, nem que existe em consequência uma forte marca de desacordo: B recusa somente um oferecimento de A. Mas recusar um oferecimento pode por vezes ser interpretado como uma ameaça à imagem pública daquele que oferece.²⁰ Isso explica que B reformule sua primeira resposta atenuando através de *em todo caso más tarde* [talvez mais tarde] a afronta que ele pôde produzir com sua recusa. Como se pode observar, a enunciação do atenuador *em todo caso* é assim posta de novo a serviço das exigências (i.e., proteção, reparação) da face dos interlocutores.

Mas, como anunciamos, a atenuação à qual pode dar lugar a enunciação de *em todo caso* pode igualmente estar em relação com a responsabilidade enunciativa do ato assertivo realizado no primeiro segmento *P* (cf. 3, 4), ou com a força argumentativa de um ponto de vista anterior, pessoal (cf. 5) ou de outrem, mas aceite, pelo menos em um primeiro momento, no diálogo pelo locutor (cf. 6).

Compatível com a presença de uma afirmação ou de uma negação polêmica²¹ no membro do discurso *P* que ele encadeia, e suscetível de ser substituído pelas locuções *al menos/por lo menos* [pelo menos], *em todo caso* introduz nesses casos um novo ponto de vista plenamente assumido desta vez pelo locutor e apresentado como sendo o mínimo que, para ele, o interlocutor deveria aceitar em vista do bom funcionamento da interação comunicativa. A segunda formulação, vendo-a mais uma vez pelos princípios da polidez verbal, não procura, entretanto – como nos exemplos analisados até agora (cf. 1, 2, 7, 10, 11) – mitigar a afronta feita ao interlocutor pela refutação ou pela recusa de seu contexto discursivo ou de seu oferecimento. Nesse caso, é sua própria imagem pública que o locutor tenta proteger. De fato, ligada à evidência e aos escrúpulos

do locutor com relação ao conhecimento do que ele afirmou, a reformulação introduzida por *em todo caso* é destinada a evitar que o interlocutor questione a primeira formulação.

Consideremos inicialmente os enunciados (3) e (4). Nesses, e através da reformulação atenuadora *em todo caso Q*, o locutor exprime sua prudência epistemológica face à asserção de *P*, isto é, face a um conhecimento que, segundo o que é indicado em *Q*, provém de uma fonte verbal e não de sua experiência direta. Ora, indicando em *Q* que aquilo que é dito no primeiro segmento é algo que ele sabe por ouvir dizer, o locutor restringe o valor assertivo de *P* e estabelece uma distância em relação à sua enunciação, apresentando-a como incerta, como suscetível de ser posta em dúvida. O locutor protege assim sua responsabilidade ilocucionária face à enunciação de *P* (seja ela afirmativa ou negativa) e fazendo isso, ele preserva sua imagem pública: como de fato o interlocutor poderia criticá-lo por ter feito uma asserção da qual ele se distancia ele próprio em seu próprio discurso?

3. *Os reféns vão ser imediatamente libertados. Em todo caso, é o que garante o Ministro das Relações Exteriores.* (fonte: mensagem verbal, voz autorizada)
4. *Eles não chegaram a tempo. Em todo caso, foi o que eles me disseram* (fonte: mensagem verbal)

Estratégias de atenuação da responsabilidade ilocucionária de *P*

| | |
|--|--|
| <i>P</i> | 1ª formulação <i>P</i> : asserção |
| <i>Em todo caso Q</i> | Reformulação: atenuação responsabilidade ilocucionária |
| Leitura: <i>em todo caso, eu garanto q</i> | |

Onde *q* – ponto de vista plenamente assumido pelo locutor – indica a fonte verbal da asserção *P*. O locutor revela assim uma certa prudência epistemológica em relação a *P*.

Se, em (3) e (4), a atenuação diz respeito à força assertiva e à responsabilidade ilocucionária da primeira formulação em virtude do significado evidencial presente em *em todo caso Q* (i.e., o conhecimento do que é afirmado no primeiro membro provém de uma fonte argumentativa verbal), em (5) e (6) – mas também em (8), (9) e (12) – essa atenuação diz respeito à força argumentativa de um ponto de vista evocado em *P*.

²⁰ Como afirma H. Haverkate (1994, p. 109), se o oferecimento é inaceitável para o interlocutor, é freqüente que este "justifique sua recusa para evitar que a imagem positiva daquele que faz o oferecimento seja ameaçada. Assim, por exemplo, uma recusa polida a *Você quer um pedaço de bolo gelado?*, poderia ser *obrigado, mas eu estou fazendo dieta, mas não simplesmente não*".

²¹ Quanto à diferença entre negação polêmica e negação metalingüística, ver Ducrot, O. (1984). Ancombre, J.-C. (1990). García Negroni, M.M. (1998). Lembremos brevemente, mesmo assim aqui, que contrariamente à negação metalingüística, a polêmica não invalida nunca o contexto do discurso que ela coloca (ver aqui mais adiante).

De fato, suscetível de ser interpretado como sendo forte demais para a apreensão argumentativa da situação, e, nesse sentido, suscetível de ser questionado de uma maneira ou de outra pelo interlocutor na troca comunicativa, o ponto de vista evocado em *P* (por ex., *não saber se há imitação* em (5)) é reconsiderado sob todas as suas perspectivas e substituído por *q* (por ex., *não observar nenhum traço reconhecível* em (5)), um argumento que, apesar de mais fraco do que *p* (ou do que *p'*), permite, no entanto, manter o mesmo tipo de conclusões. Como no caso anterior, o resultado é um enfraquecimento que tem por finalidade evitar possíveis críticas ou objeções à enunciação de *P*, e o locutor preserva assim sua própria imagem pública.

Analisemos, como exemplo, (8), (9') e (12):

8. *O potencial de crescimento no setor da alimentação, se não é ilimitado, é em todo caso, muito grande.*
- 9'. *Se ele não é pneumologista, em todo caso, é clínico geral. Ele vai poder responder a tuas perguntas.*
12. *Tendria que pedir-lhe desculpas, o em todo caso, decirlhe que no lo hizo a propósito.*
Ela deveria pedir-lhe desculpas, ou *em todo caso*, dizer-lhe que não fez de propósito.

Diferentemente de (1) e (2), nos quais os segmentos *em todo caso Q* encadeava sobre uma negação metalingüística, a negação presente em (8) e (9') é, como a de (5), polêmica. Esse tipo de negação não invalida nunca o espaço ou contexto de discurso anterior, mas recusa simplesmente aceitar o ponto de vista positivo *p'* evocado na enunciação. Ora, é preciso ver que, diferentemente da negação polêmica de (5), aquela presente em (8) e (9') aparece no interior de um espaço hipotético (i.e., uma subordinada condicional) de modo que a responsabilidade assumida pelo locutor do ponto de vista negativo é suspensa. Assim, *p'* (i.e., *o potencial é ilimitado, ele é pneumologista*), é negado exatamente para evitar ou minimizar o possível desacordo conversacional que poderia surgir a partir da enunciação desse ponto de vista. Julgando que seu interlocutor pode considerar *p'* como um argumento talvez forte demais para a apreensão argumentativa da situação, o locutor o reformula, atenuando-o por meio de *em todo caso* (i.e. *em todo caso o potencial é muito grande, em todo caso ele é clínico geral*). Desse modo, e considerando que *p'* e *p* pertencem à mesma escala argumentativa (i.e., permitem ambos aplicar o mesmo aspecto do bloco semântico) e orientam, portanto – com forças argumentativas diferentes – para um mesmo tipo de conclusão *r* (i.e., *convém investir*

em alimentação, ele vai poder responder a tuas perguntas), o locutor chega a não abandonar totalmente sua posição e a preservar-se.

O caso de (12) é bastante similar, a única diferença sendo que o ponto de vista *p* evocado em *P* (i.e., *ela deveria se desculpar com ele*) e ao qual encadeia *em todo caso Q* é afirmativo. Destinado a substituí-lo, o argumento *q*, mais fraco do que *p*, pertence à mesma escala argumentativa e permite portanto evocar o mesmo bloco semântico. Desse modo, e como nos casos anteriores, a reformulação é interpretada como uma atenuação ou mitigação da força argumentativa de *p* sem que isso signifique necessariamente que o locutor renuncia à orientação de seu ponto de vista nem à caracterização da situação através da aplicação de um certo bloco semântico.

Estratégia de atenuação da força argumentativa de um ponto de vista evocado em P

| | |
|-----------------------|--|
| <i>P</i> | 1ª formulação de <i>P</i> |
| <i>em todo caso Q</i> | Reformulação: atenuação da força argumentativa de <i>p</i> [ou <i>p'</i>], se <i>P</i> é uma subordinada condicional negativa – busca de consenso |

leitura: *em todo caso, você aceitará/você me concederá q* (ponto de vista evocado em *Q*) onde *q* – um argumento mais fraco do que *p* [ou *p'*] na mesma escala – revela uma certa prudência epistemológica do locutor em relação a *p* [ou *p'*]

Analisaremos, para terminar, o caso (6) que se revela ser particularmente interessante porque permite mostrar que a atenuação introduzida por *em todo caso* pode também dizer respeito a um ponto de vista sustentado anteriormente pelo interlocutor.

6. A: – *João é muito inteligente.*
B: – *Sim. Em todo caso, ele nunca demonstrou ter problemas sérios de compreensão.*

Nesse diálogo, de fato, embora em um primeiro momento o locutor B pareça retomar o ponto de vista *p* sustentado por A, a enunciação de *em todo caso Q* revela que ele o reformula em T+1 de modo mais prudente. Assim, pode-se constatar isso na paráfrase (6''):

- 6''. *Eu também creio que ele é muito inteligente. E se ele não o é, em todo caso, (o que sei é que) ele nunca demonstrou ter problemas sérios de compreensão.*

Introduzindo sua reformulação *Q* através de *en todo caso*, *B* indica que depois de ter levado em conta diferentes possibilidades abertas pela enunciação de *P* (i. e., *B* indica que levou em conta o ponto de vista *p* evocado em *P*, mas também todos aqueles que se relacionam com ele, inclusive sua negação *não-p*), ele só se torna plenamente responsável por aquele evocado em *Q*. Trata-se de um argumento mais fraco do que *p*, mas sobre o qual os dois interlocutores podem estar de acordo. E isso porque, diferentemente do que se passa talvez com *p*, *q* representa um ponto de vista do qual, ao menos *B*, pode dar garantia. Observar-se-á que, embora *q* constitua um enfraquecimento ou uma atenuação em relação a *p*, ele evoca o mesmo bloco semântico (i.e., ele pertence à mesma escala) que *p* de modo que *B* não invalida o discurso de *A*, que pode continuar a orientar seu discurso para o mesmo tipo de conclusões (por ex. *João terá, portanto, sucesso*).

Para concluir

Neste trabalho tentamos mostrar que o reformulativo *en todo caso* se caracteriza pela introdução de um novo ponto de vista que representa sempre uma atenuação ou uma nuance em relação a um certo aspecto do primeiro membro de discurso *P* sobre o qual o marcador encadeia.

Através das análises apresentadas acima acreditamos ter demonstrado:

- inicialmente, que o segmento de discurso *en todo caso Q* não invalida nunca a pertinência da primeira formulação de *P*. Ele atenua somente um aspecto, i.e., a força refutativa, a força assertiva, a força argumentativa;
- depois, que os membros articulados por esse marcador de reformulação não formam sempre parte da mesma escala argumentativa (i.e., eles não evocam sempre os mesmos blocos semânticos), o que, por outro lado, nos permitiu dar uma explicação satisfatória quanto à possibilidade das duas interpretações (*a lo sumo* – *al menos* [no máximo – pelo menos]) desencadeadas pela enunciação de *en todo caso*: enquanto a leitura *a lo sumo* [no máximo] aparece ligada à mudança da escala argumentativa e à presença em *P* de uma negação metalingüística, a interpretação de *al menos* [pelo menos] aparece quando *P* é uma afirmação ou uma negação polêmica e o argumento *q* introduzido por *en todo caso* pertence à mesma escala que o ponto de vista evocado em *P* (i.e., eles permitem ambos a aplicação do mesmo bloco semântico);

- em seguida, que a reformulação atenuadora *en todo caso Q* aparece sempre guiada pelos princípios da polidez verbal, e nesse sentido, ela pode ser posta em relação com:

- a) a necessidade de mitigar a afronta produzida contra o interlocutor pela refutação ou a recusa de seu contexto discursivo (cf. ex. 1, 2, 7, 10) ou de seu oferecimento (cf. ex. 11): nesse caso, *q* representa uma restrição concessiva que acarreta a leitura *a lo sumo* (*admito/concedo que q* [no máximo (*admito/concedo-lhe que*) *q*]. Nessa estratégia, o locutor concede o ponto de vista *q* ao interlocutor atribuindo-o a ele no seu discurso;
 - b) a necessidade de proteger a própria imagem: aqui, *q*, como argumento mais fraco do que *p*, representa o mínimo que o interlocutor deveria aceitar para garantir o bom funcionamento conversacional, acarretando, portanto, a leitura *al menos* (*debes admitir que*) *q* [pelo menos (*você deve admitir que*) *q*]. Nessa estratégia, o locutor se identifica plenamente com o segundo ponto de vista *q*;
- finalmente, que a presença do marcador do marcador de reformulação *en todo caso* deve ser relacionada à categoria da evidencialidade: *en todo caso* pode assim ser caracterizado como introduzindo um argumento *q*:
 - a) que funciona como um evidencial citativo – real (cf. 3, 4) ou apresentado como tal (cf. 1, 2, 7) – cuja enunciação permite ao locutor atenuar a força refutativa da negação presente em *P* ou a responsabilidade ilocucionária da asserção veiculada em *P*;
 - b) que revela uma certa prudência epistemológica da parte do locutor em relação à enunciação do ponto de vista presente na sua primeira formulação (cf. ex. 5, 6, 8, 9, 12), o resultado sendo uma atenuação de sua força argumentativa.

Referencias bibliográficas

- ANSCOMBRE, Jean-Claude. 1990. Thèmes, espaces discursifs et représentation événementielle. In: NACOMBRE, J.-C.; ZACCARIA, G. Fonctionnalisme et pragmatique. Milan, Unicopli, p. 43-150.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. 1987. *Politeness. Some universals in language use*. Cambridge, CUP.
- CAREL, Marion. 1994. L'argumentation dans le discours: argumenter n'est pas justifier. *Langage et société*, n. 70, p. 61-81.
- . *Lexique et argumentation*, mimeo.

- DUCROT, Oswald. *Le dire et le dit*. Paris: Minuit.
- FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. 1987. *Enlaces extraoracionales*. Sevilla: Alfar.
- . 1995. Modalidad y conexión en el español coloquial. In *Español Actual*, 63, p. 5-24.
- GARCIA NEGRONI, María Marta. 1998. Negación metalingüística, escalari-
dad y argumentación. In: *Signo y Seña*, 9, p. 227-252.
- . 1999. Atenuación y refutación. A propósito del conector reformulati-
vo en todo caso. In *Actas del XII Congreso Internacional de la ALFAL*. Santiago de
Chile, no prelo.
- GOFFMAN, Erving. 1973. *La mise en scène de la vie quotidienne. 1. La présentation
de soi*. Paris: Minuit.
- . 1974. *Les rites d'interaction*. Paris: Minuit.
- GÜLICH, Elizabeth; KOTSCHI, Thomas. 1983. Les marqueurs de reformula-
tion paraphrastique. In: *Cahiers de Linguistique Française*, n. 5, p. 305-351.
- . 1987. Les actes de reformulation dans la consultation. *La dame de
Caluire*. In: BAGNE, P. (org.), p. 15-81.
- HAVERKATE, Henk. 1994. *La cortesía verbal*. Madrid: Gredos.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. Hétérogénéité énonciative et conversa-
tion. In: PARRET, H. (org). *Le sens et ses hétérogénéités*. Paris: CNRS, p. 121-138.
- LEECH, Geoffrey. 1983. *Principles of pragmatics*. London: Longman.
- MARTÍN ZORRAQUINO, María Antonia; PORTALÉS, José. 1999. Los mar-
cadores del discurso. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (orgs). *Gramática descrip-
tiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, cap. 63.
- MOLINER, María, 1966-67. *Diccionario de uso del español*. Madrid: Gredos.
- MONTOLÍO, Estrella. 1999. Las construcciones condicionales. In: BOSQUE, I.;
DEMONTE, V. (orgs). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espa-
sa Calpe, cap. 57.
- PORTOLÉS, José. 1988a. Dos pares de marcadores del discurso; *en cambio y por
el contrario, en cualquier caso y en todo caso*. In: MARTÍN ZORRAQUINO, M. A.;
MONTOLÍO, E. (orgs.). *Los marcadores del discurso. Teoría y análisis*. Madrid:
Arco Libros, p. 243-264.
- . La noción de suficiencia argumentativa. In: *Signo y seña*, n. 9, p. 199-224.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1974. *Esbozo de una nueva gramática de la
lengua española*. Madrid: Espasa Calpe.
- REYES, García, 1994. *Los procedimientos de cita: citas encubiertas y ecos*. Madrid:
Arcos Libres.
- ROSSARI, Corinne, 1994. *Les opérations de reformulation*. Berna: Peter Lang.
- ROULET, Eddy. 1987. Complétude interactive et connecteurs reformulatifs.
In: *Cahiers de Linguistique Française*, n. 8, p. 111-140.
- RUIZ, Leonor; PONS, Salvador. 1995. Escalas morfológicas o escalas argu-
mentativas. In: *Español Actual*, n. 64, p. 53-74.